

## AS METODOLOGIAS UTILIZADAS NO PROCESSO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO.

Maria Durciane Oliveira Brito <sup>1</sup>  
Maria de Nazaré da Silva Souza <sup>2</sup>  
Mateus José Ribeiro <sup>3</sup>  
Kátia Maria de Aguiar Freire <sup>4</sup>  
Raimunda Vieira de Lima <sup>5</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa tem como tema central: As metodologias utilizadas no processo da avaliação da aprendizagem do aluno surdo, está pesquisa é de cunho bibliográfico, baseado em renomeados autores da área como por exemplo: Gil, Hoffmann, Tardif, Vasconcelos, entre outros. A pergunta geral da pesquisa é quais as metodologias utilizadas no processo da avaliação do aluno surdo? E como problema específico quais os instrumentos utilizados no processo de ensino aprendizagem para que ocorra uma avaliação da aprendizagem do aluno surdo? E quais as metodologias utilizadas no processo de avaliação do aluno surdo? Para responder esses questionamentos, traçou-se como objetivo geral analisar as metodologias utilizadas no processo da avaliação da aprendizagem do aluno surdo e como específico conhecer os instrumentos utilizados no processo de ensino aprendizagem para que ocorra uma avaliação da aprendizagem do aluno surdo e citar as metodologias utilizadas no processo de avaliação do discente com surdez. Mediante a pesquisa observou-se a necessidade de uma avaliação inclusiva para que o discente com surdez tenha êxito no seu processo avaliativo.

**Palavras-chave:** Avaliação; Aluno Surdo; Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

No cotidiano das pessoas, em qualquer etapa da vida (infância, adolescência, fase adulta ou velhice), o ato de ser avaliado pode gerar sentimentos de desconforto e desconfiança, porque abrange vários significados, como: repreensão, desaprovação e até mesmo a desqualificação. No entanto quando falamos sobre Educação e, em especial, sobre avaliação como parte do processo ensino aprendizagem dos alunos surdos, o ato avaliativo assume um papel fundamental na experiência escolar dos discentes, porque é por meio da avaliação que se

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciência da Educação – UTIC, [durciane@hotmail.com](mailto:durciane@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduada em Letras Libras- Uniasselvi, [fana.zasilva@hotmail.com](mailto:fana.zasilva@hotmail.com);

<sup>3</sup> Graduado em Letras- UESPI; [mateusprimeiroosteus@hotmail.com](mailto:mateusprimeiroosteus@hotmail.com);

<sup>4</sup> Doutoranda em Ciência da Educação – UTIC- PY; [katiaamfreire@gmail.com](mailto:katiaamfreire@gmail.com);

<sup>5</sup> Mestranda em Ciência da Educação – UTIC, [iraimundavieiradelima@gmail.com](mailto:iraimundavieiradelima@gmail.com);

consegue acompanhar, mensurar e diagnosticar quais dificuldades o aluno está enfrentando no processo.

Tendo como base teórica os autores Hoffmann (2011), Santos (2010), Gil (2003), Cordeiro (2017), Fernandes (2006), entre outros, podemos afirmar que uma avaliação efetiva e eficaz só será possível, a partir da utilização de procedimentos e instrumentos acessíveis ao aluno.

O presente artigo tem como tema central as metodologias utilizadas no processo da avaliação da aprendizagem do aluno surdo, com base no tema surgiu como indagação principal: quais as metodologias utilizadas no processo da avaliação do aluno surdo? E como problema específico quais os instrumentos utilizados no processo de ensino aprendizagem para que ocorra uma avaliação da aprendizagem do aluno surdo? E quais as metodologias utilizadas no processo de avaliação do aluno surdo?

Para responder esses questionamentos, traçou-se como objetivo geral analisar as metodologias utilizadas no processo da avaliação da aprendizagem do aluno surdo e como específico conhecer os instrumentos utilizados no processo de ensino aprendizagem para que ocorra uma avaliação da aprendizagem do aluno surdo e citar as metodologias utilizadas no processo de avaliação do discente com surdez.

## **METODOLOGIA**

Para realização deste trabalho utilizou-se a técnica da pesquisa bibliográfica que possibilitou investigar uma vasta amplitude de obras publicadas para entender e conhecer melhor o fenômeno em estudo facilitando no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa.

Para Andrade (2010, p. 25):

“A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas” (ANDRADE, 2010, p. 25).



A pesquisa bibliográfica irá auxiliar positivamente o desenrolar do trabalho, pois além de possuir benefícios como o baixo custo, o pesquisador quase não precisa se deslocar para encontrar pesquisas científicas públicas, pois além dos livros, teses, artigos e outros documentos publicados que contribuem na investigação do problema, na internet encontram-se inúmeras pesquisas já realizadas, ou seja, a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA UMA AVALIAÇÃO DO ALUNO SURDO.**

A educação de surdos no Brasil iniciou em 1857, no Rio de Janeiro, por D. Pedro II, que trouxe para o Brasil o professor Surdo francês Ernest Huet, que trouxe para o Brasil a língua de sinais francesa, que “se misturou com o tempo com a língua de sinais utilizada pelos surdos Brasileiros e acabou formando a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS,” como aborda Pereira (2011, p. 14).

A LIBRAS é a língua da comunidade surda Brasileira, reconhecida através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, onde aborda em seu Artigo 1º que a língua “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais como segunda língua oficial do Brasil” e em seu parágrafo único aborda que:

“Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidade de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

No processo de avaliação o professor precisa utilizar de diversos instrumentos para o processo de ensino aprendizagem, seja para os alunos ouvintes como também para os alunos surdos, o desafio do docente se torna mais intenso à medida que essa criança passa a frequentar o ambiente escolar, onde nem todos estão devidamente preparados para estabelecer uma comunicação eficaz. A LIBRAS é a forma mais eficaz para que ocorra uma comunicação funcional entre os surdos e entre surdos e ouvintes.

O professor do aluno surdo precisa utilizar de metodologias visuais para incluir esse discente em todo o processo de ensino aprendizagem, para Grillo (2003) “[...] A avaliação



condiciona os processos de ensino e aprendizagem e, reciprocamente, a concepção de ensino e aprendizagem, determina as formas de avaliar como instrumento" (GRILLO, 2003, p. 18). O instrumento principal nesse processo é a utilização da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, através do Interpretre para que seja feita a comunicação da língua oral para a Língua de sinais.

No processo de avaliação o professor deve buscar sempre utilizar formas visuais como imagens, gráficos, vídeos para que o aluno seja incluído no ambiente educacional.

Santos 2010 afirma que:

“A função de controle está diretamente relacionada aos instrumentos formais de avaliação e os resultados da aprendizagem. Para tanto, exige do professor a verificação, a correção e análise das atividades desenvolvidas pelos alunos” (SANTOS, 2010, p. 14).

O docente precisa conhecer a estrutura linguística da língua de sinais, para que as correções das atividades sejam feitas de forma inclusiva e leve em consideração todas as especificidades do aluno surdo.

## ENSINO e APRENDIZAGEM

O ensino e aprendizagem do discente surdo é um processo que precisa de uma parceria em sala de aula, através do profissional interprete ou instrutor de Libras caso isso não ocorra o professor regente vai ter dificuldade no momento de ensinar e principalmente o aluno no ato de aprender.

No quesito avaliação os surdos têm direito a avaliação especial garantida pela Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência – Estatuto da pessoa com deficiência no Capítulo IV do direito a Educação Art. 30 VI - adoção de critérios de avaliação das provas escritas, discursivas ou de redação que considerem a singularidade linguística da pessoa com deficiência, no domínio da modalidade escrita da língua portuguesa.

"[...] A avaliação condiciona os processos de ensino e aprendizagem e, reciprocamente, a concepção de ensino e aprendizagem, determina as formas de avaliar" (GIL, 2003, p. 18).

O ensino e aprendizagem estão automaticamente ligados ao processo de avaliação, se no processo de aprendizado o aluno conseguiu absorver os conteúdos, ele vai ter um bom êxito no processo avaliativo, o importante nesse processo é ser considerado os aspectos da cultura surda.

## AVALIAÇÃO

A avaliação educacional, entretanto, é preciso que esta seja um instrumento que atenda às necessidades dos alunos surdos e contribua para melhorar o aprendizado dos estudantes em uma educação inclusiva.

[...] “Avaliar exige observação longitudinal do processo, através de procedimentos diversificados de análise, da proposição de situações complexas de aprendizagem, encadeadas e sucessivas, além da reflexão acerca das múltiplas dimensões que encerram cada resposta ou manifestação de um aluno” (HOFFMANN 2011, p. 62).

Respeitar a individualidade de cada aluno, pois cada indivíduo tem seu próprio tempo de aprendizagem e suas formas de aprendizagem, neste sentido Hoffmann (2014, p. 12), afirma “uma avaliação reflexiva auxilia a transformação da realidade avaliada”, no caso do estudante surdo o professor deve atentar sobre a adequação dos métodos de ensino, para tanto, é importante observar a particularidade do aluno surdo, procurar saber se o aluno surdo compreende o português escrito e se o mesmo tem domínio da LIBRAS.

## AS METODOLOGIAS UTILIZADAS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ALUNO SURDO.

O ato de avaliar está intimamente ligado a prática pedagógica dos docentes. Atualmente existem diversos métodos de avaliação, mas percebe-se uma dificuldade por partes de muitos profissionais em fazer uso desses novos recursos por serem trabalhosos e requererem mais disposição e tempo desses profissionais, além de que, seguir novos padrões de avaliação significa modificar o modo de se ensinar.

“Os métodos de avaliação também são amplos, mas comumente os professores se restringem a provas, testes, seminários e trabalhos escritos. Com a nova era tecnológica, vários métodos podem ser utilizados nas escolas” (CORDEIRO, 2017, p.73).

Dentro da realidade a qual a comunidade escolar está inserida é visível a necessidade em à escola adotar novos métodos no que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem, mais precisamente no que tange a avaliação, pois em uma sociedade em que há tantas diversidades a forma como o professor irá avaliar não poderá seguir um padrão de avaliação.

Mendez (2002) ressalta que:

“Novas formas de ensinar que possibilitem e provoquem um modo diferente de aprender e que o resultado seja relevante, além de significativo, para o



sujeito que o busca. Não apenas dentro da sala de aula, nem apenas restrito ao cognitivo, mas significativo em e para sua vida dentro e, sobretudo, fora da sala de aula” (MENDEZ 2002, p. 38).

Nesta perspectiva surgem as novas tecnologias que auxiliam e enriquecem a utilização de novos métodos de avaliação pelos docentes, podendo ser utilizadas facilmente pelos alunos surdos os quais vêm acompanhando gradativamente as experiências tecnológicas, desenvolvendo assim seu potencial cognitivo e social.

Neste sentido, Domingos discorre que:

“Assim como não se pode pensar que a inclusão escolar se esgota em somente inserir o aluno com necessidades especiais em uma classe escolar de alunos normais, não se pode pensar que a inclusão digital se realize tão somente com a informatização das unidades escolares com computadores ligados a Internet” (DOMINGOS, 2008, p. 50).

A fim de cumprir as exigências atuais, percebe-se a importância para os professores permanecerem atualizados e acompanharem a evolução tecnológica buscando sempre redimensionar a sua prática pedagógica.

“Desenvolver uma prática avaliativa efetiva para o surdo, faz-se necessária adoção de métodos no sistema educacional, para aproximar professores e intérpretes, investir na formação continuada dos educadores (docentes e técnicos), e envolver a comunidade escolar nas atividades propostas para buscar estratégias de avaliação na direção de identificar os caminhos do processo de construção do conhecimento”. (VASCONCELOS, 2020, p. 10)

Percebe-se que o fracasso escolar do aluno surdo não está apenas na forma como é conduzida a aprendizagem da leitura e escrita da Língua Portuguesa, mas também nos modelos de avaliação adotados na escola que compara ou espera que a produção seja comparada com a de um aluno ouvinte.

Levando em consideração a preservação dos direitos dos alunos surdos no ambiente escolar é inviável que isso ocorra se as estratégias de ensino permanecerem voltadas para o modelo tradicional de educação direcionada para alunos ouvintes. Prova disso é a falta da presença de intérpretes de Libras em salas de aula em que há alunos com essas necessidades de modo que o aluno surdo seja avaliado pela sua própria língua.

Segundo o Decreto de Lei 5.626/05 (BRASIL, 2005), em seu capítulo IV, artigo 14, consta que:

“VI - Adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e



reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa. VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos” (BRASIL, 2005).

Nesse sentido, é imprescindível que as práticas avaliativas adotadas no ambiente pedagógico estejam de acordo com as necessidades apresentadas por este público específico, de forma que o aluno surdo tenha acesso a experiências desde cedo com a língua de sinais, para que haja condições de interação, ou seja, de expansão das relações interpessoais e de favorecimento para a construção da subjetividade.

Daí a necessidade em o professor buscar sempre investir em sua formação continuada para que não fique defasado e acompanhe as necessidades apresentadas pelos alunos. Sobre isso Imbernón afirma:

“A formação permanente do professor deve ajudar a desenvolver um conhecimento profissional que lhe permita: avaliar a necessidade potencial e a qualidade da inovação educativa que deve ser introduzida constantemente nas instituições; desenvolver habilidades básicas no âmbito das estratégias de ensino em um contexto determinado, do planejamento, do diagnóstico e da avaliação; proporcionar as competências para se capazes de modificar as tarefas educativas continuamente, em uma tentativa de adaptação à diversidade e ao contexto dos alunos; compromete-se com o meio social” (IMBERNÓN, 2001, p.69).

O espaço educativo deve se estruturar de maneira não só a receber os estudantes, mas, também, a lhes proporcionar situações que permitam a convivência, o aprendizado e a formação de valores, estimulando a organização de uma sociedade mais aberta às diferenças humanas e sociais. Para tanto, adaptações de grande e de pequeno porte precisa ser implementadas em diferentes momentos didáticos, como no processo de avaliação, para que todos os alunos contemplem a aprendizagem de forma igualitária e inclusiva.

## MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

Segundo Fernandes, “Julgo que designações tais como tarefa de avaliação, métodos de avaliação ou mesmo estratégias de avaliação poderão, na maioria dos casos, ser mais congruentes com a concepção emergente de avaliação formativa” (FERNANDES, 2006.b, p. 40).

Partindo desse pressuposto e levando em consideração a diversidade de alunos incluídos em uma mesma sala, em concomitância com a gama de saberes e necessidades individuais de

cada aluno, fica a indagação sobre qual método seria eficiente e ao mesmo tempo eficaz na concepção da avaliação? A escola tem acompanhado o avanço das mudanças sociais, onde o professor necessita adaptar-se às novas perspectivas dentro desse cenário inovador.

Seguindo esta visão temos que: avaliar o desenvolvimento de uma criança é uma ação complexa e exige da escola um olhar de extrema atenção, um conhecimento sobre o aprender e o desenvolver do aluno, para que assim, através de metodologias de avaliação ou de instrumentos variados seja possível aferir de maneira mais sistematizada, contemplando o indivíduo e seus avanços (SILVA; URT apud PLAZA, 2015, p. 8).

Para Vasconcelos (1998, p. 42) “avaliar o aluno como um todo, é uma das apresentações mais fortes entre os professores quando tratam da prática avaliativa”, devendo o professor pensar na realidade e necessidades individuais dos alunos para poder analisar o melhor método para elaborar sua avaliação, pois não há como um aluno surdo incluído em uma sala regular de ensino ser avaliado da mesma maneira que um aluno ouvinte.

Assim, o professor precisa estar atento aos conhecimentos prévios dos alunos e pensar em estratégias de avaliação que supra as necessidades motoras e cognitivas contempladas em um mesmo espaço.

## NOVAS TECNOLOGIAS

O uso das novas tecnologias tem sido uma ferramenta positiva para a educação ampliando e aprimorando as competências dos professores. Mas não basta conectar-se a um computador. Há a necessidade em os professores estarem em constante formação para que possam fazer o uso correto dessas ferramentas nas salas regulares as quais possuem alunos com as mais diversificadas deficiências.

Sobre a necessidade em o professor estar em constante formação, Leopoldo explica: As novas tecnologias surgem com a necessidade de especializações dos saberes, um novo modelo surge na educação, com ela pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesses didático-pedagógica”. (LEOPOLDO, 2002, p.13).

Tardif (2002) afirma que tanto em suas bases teóricas quanto em suas consequências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, de uma formação contínua e continuada.

De maneira geral, a tecnologia veio ajudar a melhorar a qualidade de vida das pessoas e facilitar as diversas atividades do cotidiano, sendo que o uso correto desses instrumentos contribui para o processo de sociabilidade e inclusão das pessoas com deficiência.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatores expostos ao longo do artigo, percebe-se a necessidade de mudar os métodos de avaliação com os alunos surdos e a necessidade dos docentes terem um conhecimento em LIBRAS, não deixando somente a responsabilidade para o interprete ou instrutor.

Nesta pesquisa, foi possível verificar que o aluno surdo precisa conhecer a Língua materna dele e também o português na modalidade escrita e também a necessidade de avaliações adaptadas para a língua materna e também o uso de novas tecnologias, para que esse discente seja realmente incluído no sistema educacional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)> Acesso em: 15 janeiro 2022.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.626 de 26 de setembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) > Acesso em: 15 janeiro 2022.

CORDEIRO, Gilberto Nunes et al. Métodos de avaliação no processo ensino aprendizagem numa escola do interior do Nordeste. *Diálogos Interdisciplinares*, v. 6, n. 1, p. 68-85, 2017.

DOMINGOS, Franz Kafka. A realidade virtual como suporte ao ensino da língua Portuguesa para surdos profundos: o MSN (SIP) e o Celular (SMS). 2008. 83f. Monografia (Especialização em educação Inclusiva) Universidade Estadual do Ceará- UECE- Fortaleza-Ceará. 2008.

ENRICONE, D.; GRILLO, M. Avaliação: uma discussão em aberto. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FERNANDES, Para uma teoria da avaliação formativa. *Revista Portuguesa da Educação*. Minho-Portugal: Universidade do Minho, p. 21-50, 2006b.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

HOFFMANN, J. Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 28. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.



HOFFMANN, Jussara. Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista. Editora Mediação, Porto Alegre 2014.

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo, Cortez 2001 (Coleção Questões da Nossa Época; v.77).

LEOPOLDO, Luís Paulo. Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a prática. Formação docente e novas tecnologias. Mercado (org.) - Maceió: Edufal, 2002. Cap. 1 Leopoldo, Luís Paulo/ Formação docente e novas tecnologias. 2002.

MÉNDEZ, Juan Manuel Alvarez. Avaliar para conhecer, examinar para excluir. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERREIRA, M. C. C. org. LIBRAS conhecimento além dos sinais.1. ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PLAZA, F. R. Avaliação da aprendizagem na educação infantil: recurso para a prática pedagógica. 2015.

SANTOS, Josiane Gonçalves. Avaliação do desenvolvimento e da aprendizagem. CURITIBA: Editora Fael, 2010.

SILVA, J. P; URT, S. C. Educação infantil e avaliação: uma ação mediadora. Nuances: estudos sobre Educação, v. 25, n. 3, p. 56-78, set./dez. 2014.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, Ivete Loula. A importância da avaliação de alunos surdos em classe regular no Ensino da educação básica. BAHIA: Editora: Amplla, P. 10. 2020.